



ARTIGOS - ARTICLES

**José de Anchieta e o ofício de assistência à saúde em
São Vicente e em Piratininga (1554 – 1565)**

Edson Pereira
Mestre em História
FCHS-Franca/UNESP
solxadrez93@gmail.com

Resumo: Em 1553, o padre Manuel da Nobrega desembarcou em São Vicente vindo da Bahia e logo demandou reforços para poder prosseguir com a missão. Dentre os religiosos enviados estava o jovem José de Anchieta então notório pelo conhecimento da língua latina. Ao lado da obra de orientação espiritual do povo, mais apropriada a própria formação, a situação incipiente da sociedade vicentina exigiu que Anchieta servisse ocasionalmente de cirurgião curando os doentes. Sabemos disso através da correspondência remetida pelo inaciano entre os anos 1554-1565. Neste interim, Anchieta narra seguidas epidemias, o adoecimento de membros da Companhia de Jesus, os males físicos de índios e de portugueses, os remédios administrados e as razões que embasaram a escolha terapêutica. Tendo este contexto em mente, no qual Anchieta dividiu seu tempo de missionário entre a salvação da alma e do corpo das gentes, o presente artigo visa entender a estreita relação estabelecida entre assistência à saúde e propagação da fé.

Palavras-chave: São Vicente. Jesuítas. José de Anchieta. Doenças. Epidemias.

*Jose de Anchieta and the health care office in
Sao Vicente and Piratininga (1554 – 1565)*

Abstract: In 1553, Father Manuel da Nobrega landed in São Vicente from Bahia and soon demanded reinforcements in order to continue with the mission. Among the religious sent was the young José de Anchieta, then notorious for his knowledge of the Latin language. Alongside the work of spiritual guidance of the people, more appropriate for their own training, the incipient situation of Vincentian society demanded that Anchieta occasionally serve as a surgeon healing the sick. We know this from correspondence sent by the Ignatian between the years 1554-1565. In the meantime, Anchieta narrates successive epidemics, the illness of members of the Society of Jesus, the physical ailments of Indians and Portuguese, the medicines administered and the rea-

sons that supported the therapeutic choice. Bearing this context in mind, in which Anchieta divided her time as a missionary between the salvation of people's souls and bodies, this article aims to understand the close relationship established between health care and the propagation of faith.

Keywords: São Vicente. Jesuits. José de Anchieta. Illnesses. Epidemics.

INTRODUÇÃO

Os jesuítas iniciam sua empresa missionária na América Portuguesa em Salvador e São Vicente com os trabalhos, respectivamente, de Manuel da Nobrega (1517-1570) e Leonardo Nunes em 1549 (HOLANDA, 2003, p. 166). Em agosto de 1553, Manuel da Nobrega transferiu suas atividades para São Vicente (HOLANDA, 2003, p. 69-70). Na década de 1550, a capitania era importante para os jesuítas pela proximidade com os índios do Paraguai, porém, o diplomático d. João III (1502-1557), ciente do Tratado de Tordesilhas, barrou o avanço dos inacianos, obrigando os padres a elencar novas prioridades (LEITE, 2004, p. 271). No início de 1554, os inacianos fundaram o Colégio de Piratininga cujo fim seria a educação dos meninos. Os inacianos escolheram o planalto Serra do Mar acima, ao invés do litoral, para preservar a sanidade moral dos alunos, que estariam isolados do contato com os portugueses de São Vicente, a segurança contra a pirataria proporcionada pela distância do mar e o acesso a extraordinária rede fluvial que comunicava aquele sítio com o interior do continente (LEITE, 2004, p. 269-270). A presença de Manuel da Nobrega nessas paragens não foi suficiente para promover a reorganização da missão, o que explicou o fato deste prelado ordenar que o padre Leonardo Nunes trouxesse reforço da Bahia (VIEIRA, 1949, p. 92).

Enviaram para São Vicente, entre outros inacianos, o jovem José de Anchieta (1534-1597). Em 1554 contava com apenas 20 anos, idade suficiente para empregá-lo na evangelização (VASCONCELOS, 1672, p. 110-112; VIOTTI, 1984, p. 16)¹ e oportunidade ímpar para aplicar na prática os conhecimentos obtidos no Colégio de Coimbra. As condições precárias da capitania de São Vicente, aquém a

¹ Segundo o jesuíta padre Simão de Vasconcelos (1597-1671), José de Anchieta recebeu ordens sacras de D. Pedro Leitão (1519-1573), segundo Bispo da Bahia, em 1566.

inclinação latinista de Anchieta, levou este religioso a exercer a função de cirurgião “sangrando e curando” os doentes (LEITE, 2004, p. 272). O voluntarismo anchietano ficou registrado em copiosa correspondência aos superiores. Nela lemos relatos vividos das condições sanitárias da capitania, descrevendo inclusive as doenças dos habitantes da vila de São Vicente e do povoado de Piratininga,² as terríveis epidemias que eclodiram naquelas paragens e o tratamento oferecido aos nativos (SILVA, 2009, p. 35).

A prática de oferecer conforto aos enfermos não foi estranha a Regra e a conduta caridosa dos primeiros jesuítas (O'MALLEY, 2004, p. 268-272; LOYOLA, 2004, p. 186). Quando socorriam algum doente não o faziam simplesmente como oficiais de cirurgia, medicina ou enfermagem cujo o fim é o pagamento, mas sim como missionários comprometidos com a assistência espiritual dos católicos e a propagação dessa fé para os homens e mulheres da terra. Estamos convencidos de que este era o objetivo de José de Anchieta aos se aventurar em meio aos doentes, ainda mais considerando o respaldo a essa tese em seus registros escritos (LIMA, 2003, p. 143; PROSPERI, 2013, p. 583).³

Nesse artigo analisaremos sobretudo a epistolografia anchietana, mas, para temas como a epidemia de varíola de 1563, que afetou parte considerável da América Portuguesa, a compararemos com cartas de colegas da Companhia de Jesus,

² Embora haja discussão sobre a data de chegada dos jesuítas em Piratininga ser em fins de 1553 ou início de 1554, da presença de gente ilustre na vizinhança do Colégio pelos anos seguintes, como o autóctone Tibiriçá e o aventureiro português João Ramalho, não há dúvidas que os colonos fundaram a vila de São Paulo posteriormente, em 1560. Acontecia que se reconhecia uma vila como tal em Portugal e nas suas respectivas colônias quando possuía pelourinho e Câmara de Vereadores, Maria Beatriz Nizza da Silva.

³ Refletindo a respeito das missões levadas a cabo na Itália seiscentista, o estudioso Adriano Prosperi asseverou que quando lemos textos produzidos por quem organizou a missão “não se pode negligenciar o fato de os relatórios serem elaborados propositalmente para estimular devoções nos leitores, aprovação nos superiores, admiração pelos milagres feitos por Deus: isso significa que neles são celebrados sucessos estrondosos, de acordo com a lógica que já tinha governado os relatórios das índias. Embora Prosperi trate dos relatórios de missionários em solo europeu, em parte inspirados pela epistolografia missionária do novo mundo, a documentação que manejamos, sobretudo quando dava notícia das curas miraculosas operadas pelos religiosos da Companhia, tinham o mesmo enfoque no “sucesso estrondoso” do ministério, só que para um público amplo, isto é, quem tivesse acesso as crônicas, as memórias e as vidas.

pois isso ajudará a reconhecer melhor os cuidados voltados a saúde. As fontes analisadas aqui estão disponíveis nos volumes II e III da coleção de “Cartas Jesuíticas” publicadas respectivamente nos anos de 1931 e 1933 pela Academia Brasileira de Letras. O volume dois corresponde as *Cartas Avulsas 1550-1568* e o terceiro as *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*.

É preciso considerar o forte teor apologético das primeiras cartas dos missionários do Brasil (ASSUNÇÃO, 2004, p. 227-231). O relato que podemos extrair dessas missivas é quase sempre o mesmo: o empenho jesuítico em cristianizar os autóctones da América. Portanto, a disposição a que nos referimos informava tanto quanto edificava seus leitores; legitimava a obra evangelizadora de uma corporação fundada recentemente enquanto discutia a melhor maneira de cristianizar mais pessoas; suscitava novas vocações para missionários no Novo Mundo ao mesmo tempo em que prescrevia as práticas testadas em campo (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, 221-222). Ao nosso ver, a catequese precisou conjugar o tradicional método de “pastoreios das almas” — como a pregação do Evangelho — com exercícios de caridade física. Admitimos que a assistência aos doentes, como qualquer ministério beneficente entre o gentio, pudesse estar coadunada ao objetivo maior da Companhia de Jesus e da Igreja militante em conquistar espiritualmente as novas terras (BOXER, 2007, p. 148). As cartas do virtuoso José de Anchieta, que desejamos analisar nesse artigo, testemunharam a contínua consolidação dos inacianos nas plagas de São Vicente e Piratininga.

Tendo este corpus documental em mente, o presente texto pretende entender como os irmãos da Companhia de Jesus cuidaram da saúde dos vicentinos de 1554 a 1565. Para tanto, investigaremos as doenças e os doentes, a terapêutica e a conversão dos enfermos. A respeito das doenças e dos doentes, queremos observar como José de Anchieta as descreveu e as vivenciou; no que tange a terapêutica desejamos entender as razões para a escolha de remédios e de tratamentos; por fim, pretendemos mapear o propósito de socorrer os doentes conforme o interesse religioso de divulgação da fé.

DOENÇAS E DOENTES

José de Anchieta descreveu durante onze anos a situação de saúde dos membros da Companhia de Jesus de São Vicente. Além de religiosos, também figurou nas missivas os alunos do colégio, os colonos portugueses, os mestiços e os índios. Ao nosso ver, o tema da saúde suscita dois problemas distintos, a saber, as doenças e os tratamento, sendo que no presente tópico analisaremos apenas a doença e a conduta dos doentes.

José de Anchieta se referiu a lepra, postemas, febres, cancro, feridas, câmaras de sangue, cólicas, gangrena, varíola, prisão de ventre, sangramento oral e picada de cobra. Algumas destas, contudo, representaram problema apenas para o enfermo enquanto outras tornaram-se endêmicas afetando duramente a incipiente sociedade vicentina e o trabalho missionário jesuítico. Analisaremos apenas o histórico do segundo grupo, que concerne as “câmaras de sangue” “bexigas” e “febres”.

A febre incomodou mormente os portugueses, inclusive os jesuítas. Esse tipo de febre se manifestou sozinha, sem a influência de outras enfermidades, tal qual as câmaras de sangue e a varíola, doenças que a tinham como um sintoma. Os casos reportados de febre ocorreram nos anos de 1556, 1561 e 1562, sobretudo em Piratininga ou nos entornos, pois, no litoral não há registro que ela tenha ocorrido (ANCHIETA, 1933, p. 95 e 173). Tudo indica que os portugueses chagaram febris em Piratinga contraindo-a no trajeto serra acima. Após 1562, José de Anchieta não noticiou mais caso de febres repentinas, possivelmente porque, desde o ano anterior, as câmaras de sangue tornaram-se o principal problema de saúde dos portugueses.

José de Anchieta mencionou bastante as “câmaras de sangue”, tipo de disenteria hemorrágica. Possuímos registros dela de 1561 a 1565, isto é, da carta *Ao Padre Geral Diogo Laynez, de São Vicente, a 12 de junho de 1561* até a carta *Ao Padre Diogo Mirão, da Bahia, a 9 de julho de 1565*. Pela primeira carta sabemos que a doença surgiu no ano de 1661 em Piratininga nos escravos que em “dois, três, quando muito quatro dias duram com elas” (ANCHIETA, 1933, p. 173). Essa doença que “parecia pestilência” fez justiça a aparência, pois espalhou-se rapidamente para os demais moradores de Piratininga de modo que “não havia casa sem doentes, e em algumas havia três e quatro” enfermos (ANCHIETA, 1933, p. 173). A ausência de

cura elevava gravidade do dito surto. Apesar de os irmãos empregarem a sangria como tratamento, tudo indica a insatisfação de José de Anchieta com os resultados, pois ao buscar outros meios de curar os doentes constatou que unicamente Deus “que as dá, a cura por sua misericórdia, que em à terra pouca medicina há para isso” (ANCHIETA, 1933, p. 178). Os jesuítas do Colégio se prontificaram para cuidar dos doentes, estendendo o atendimento para fora do colégio, mas, no contato com os doentes, os irmãos contraíram a dita enfermidade (ANCHIETA, 1933, p. 173).

Nos anos 1563 e 1564, a varíola atingiu praticamente todas as capitanias e provocando milhares de mortes entre os índios (LEITE, 2004, p. 575). Em São Vicente, a varíola surgiu provavelmente na povoação litorânea de Itanhaém para depois espalhar-para as outras paragens, conforme informa a carta *Ao Geral Diogo Laynez, de São Vicente, janeiro de 1565* de José de Anchieta (ANCHIETA, 1933, p. 238). Devido ao trânsito de pessoas serra acima, a doença também grassou em Piratininga. Na capitania em questão, houve dois tipos de varíolas, as tidas “brandas” que “facilmente saram” e “outras que é coisa terrível”. Sobre essa última, José de Anchieta concluiu que, independentemente do destino dos enfermos (morrer ou sobreviver), a doença prejudicaria o curso normal da vida e da morte. Os que morriam, por ter a garganta obstruída não conseguiram confessar, deixando sua alma sujeita a danação eterna no inferno. Os que sobreviveram, depois de três ou quatro dias tinham a pele ferida, tornando-a o hospedeiro ideal para larvas, vermes e insetos. José de Anchieta lembra sobretudo do mal cheiro exalado pelos doentes. O odor provinha principalmente do apodrecimento das partes feridas. As principais vítimas fatais da varíola era os “meninos inocentes”; a mortalidade entre índios adultos e portugueses aconteceu em menor escala (ANCHIETA, 1933, p. 238-239).

José de Anchieta não considerou o castigo divino uma causa para esta epidemia. Vale ressaltar que essa perspectiva era corrente na época de Anchieta e tinha amparo nos cânones do Cristianismo (BASTOS, 1997, p. 04; DELUMEAU, 2003, 181). Diferente dos textos que predominaram em ocasião de doença generalizada, a má conduta dos fregueses não foi matéria de moralização. Além das características próprias da epistolografia jesuítica, Anchieta não considerou essa causa, talvez, devido a incipiente municipalidade, aliás, fundada somente em 1560, e o caráter inicial da missão com os índios (LIMA, 2010, p. 96-103). Os costumes indígenas passíveis de repreensão tal qual a crença em sonhos (LIMA, 2003, p. 141) e em presságios no

canto dos pássaros (MOTA, 2017, p. 131-133), por exemplo, não foram mencionados. Essa realidade não era a de Piratininga. A moralização desta natureza frutificou no contexto de aldeamentos organizadas nas décadas seguintes (HOORNAERT, 1984, p. 32; AGNOLIN, 2012, p. 45-46). Embora não houvesse a evocação de um Deus furioso com os pecados dos homens, entre 1554 e 1555, quando os indígenas foram abatidos por priorize, Anchieta organizou procissões para aplacar a “ira divina” (VASCONCELOS, 1672, p. 30).

Para apresentar as doenças vividas em São Vicente, José de Anchieta lançou mão da corrente nomenclatura para descrever achaques que desconhecia. A lepra, por exemplo, não era entendida apenas como um mal específico, o nome dela poderia caracterizar outras enfermidades graves que acometiam a pele. Na carta *Trimestral de maio a agosto de 1556, de Piratininga*, José de Anchieta apresenta o caso de certo índio cujo braço possuía uma ferida “que parecia lepra” por consideram-na contagiosa (ANCHIETA, 1933, p. 88). Em outra ocasião isso se repetiu até mesmo com a bexiga, doença amplamente conhecida à época (ANCHIETA, 1933, p. 238; SCHATZMAYR, 2001, p. 1526). Quando reportava a condição de saúde de pessoa específica, Anchieta às vezes omitia o nome do achaque para qualificá-la por tempo de convalescença, aparência física, odor e ameaça a vida. Anchieta preferia empregar termos vagos, mas suficientes para inteirar o leitor sobre a condição experimentada pelos missionários e pelos índios (ANCHIETA, 1933, p. 178).

Parte substancial das informações a respeito dos achaques descreveu a conduta virtuosa de enfermos. Quer seja porque o doente se portou como bom cristão, transparecendo paciência e conformidade com a vontade de Deus — ao invés de reclamar da situação ou procurar a cura nas crenças ancestrais — ou porque o enfermo expressou as virtudes, mas morreu e sua boa postura mereceu uma breve memória. Sobre os índios conversos, os jesuítas apresentam exemplos edificantes nas cartas, sobretudo dos arrebanhados nos entornos de Piratininga. Estes quando adoecidos, de acordo com José de Anchieta, imploravam pelos sacramentos porque prezavam mais pela salvação da alma do que pela própria vida (ANCHIETA, 1933, p. 93). José de Anchieta descreve a conduta piedosa um menino de apenas 12 anos que pediu para chamar os jesuítas em sua última doença:

Chegamos a última hora, nos mandou chamar para se confessar, e daí a três dias morreu, deixando-nos grandes sinais de sua fé, porque nunca deixava de invocar a Jesus máxime já no fim, e assim uma vez antes de cantar o galo, nos mandou chamar; fomo-lo visitar, e ouvimo-lo, ainda no caminho, que estava gritando a Nosso Senhor e depois que entrámos pedíamos com muita instancia que lhe disséssemos as orações, o que ele fazia e em duas língua dizia estas e outras semelhantes cousas: "Senhor Jesus Cristo, sois senhor da vida e da todas as coisas, ajudai-me (ANCHIETA, 1933, p. 93).

Tal conduta, além de ideal, demonstra que a despeito da rusticidade do homem americano, das dificuldades de manter a empresa missionária no novo mundo, os virtuosos varões da Companhia de Jesus conseguiram estampar na alma homens ainda brutos a sensibilidade os propósitos da Igreja de Roma. Ainda mais, os habitantes da terra estavam tão compelidos pela nova espiritualidade que não mediam esforços para cumprir os preceitos da confissão e da unção dos enfermos.

José de Anchieta noticiou igualmente alguns casos de enfermidade de religiosos da Companhia de Jesus, sobretudo descreveu que, a despeito das dores, os virtuosos varões não abandonaram os ministérios da Ordem. Em dezembro de 1556, o padre Luiz da Grã (1523-1609) padecia de “postemas nos peitos” — achaque que representava “perigo de vida”, segundo Anchieta —, todavia, Luiz da Grã não “deixava de dizer as orações frequente, ensinado uns e outros, e o que é mais, indo-se ao mar, entre os portugueses daqui a dez léguas por bosques mui ásperos, onde esteve algum tempo pregando”. A falta de repouso não o prejudicou, pelo contrário, nesse trabalho encontrou as “mezinhas para se sarar” (ANCHIETA, 1933, p. 95; ANTONIL, 2007, p. 21).⁴ Situação parecida vivenciou o padre Manuel da Nobrega em 1561 e 1562. Em 1561, o prelado precisava subir a Serra do Mar para visitar o Colégio de Paratinga, o que fez mesmo com “as pernas todas chagadas, [e] lançar sangue pela boca” (ANCHIETA, 1933, p. 165). No mês de março do

⁴ Segundo a pesquisadora Andréa Mansuy Diniz Silva, durante o período colonial, a medida légua poderia variar de 5000 m a 6000 m, conforme definiu na tabela pesos e medidas inseridas na página 21 do *Cultura e Opulência do Brasil*, de André João Antonil, editado pela mesma.

ano seguinte, mesmo não alcançando a cura, Manuel da Nóbrega visitava os engenhos em torno da cidade de São Vicente para pregar, confessar e doutrinar os colonos, até que “adoeceu tão gravemente que foi necessário trazê-lo nas costas até S. Vicente, a nossa Casa, por ele não poder vir por seus pés” (ANCHIETA, 1933, p. 178).

José de Anchieta não dispensou comentários apenas sobre as agruras vividas pelos seus superiores, mas também pelos simples religiosos subalternos. Em 1556, o irmão Gregório Serrão “teve umas agudas febres” que o enfraqueceu sobremaneira, mas não lhe tolheu a vontade de servir a Companhia de Jesus. Serrão permaneceu como interprete junto aos índios de Jaraíbatiba nas celebrações de missas, confissões e pregações (ANCHIETA, 1933, p. 95). Na carta *Ao Geral* de 1561, José de Anchieta teceu uma breve memória ao falecido irmão ferreiro Mateus Nogueira, cuja menção as enfermidades pareceram seguir o mesmo perfil de bom religioso:

Por continuas enfermidades que padecia, em as quais nunca deixava de trabalhar, sendo continuo na oração, com mui especial zelo da conversão destes brasis, pelos quais continuamente rogava a Deus, porque ignorando sua língua não podia pregar: morreu de uma dor de cólica e pedra que muitas vezes padecia, e com que esteve padecendo cinco dias até que deu a alma ao Senhor (ANCHIETA, 1933, p. 174).

Os sujeitos em questão emularam as virtudes mais úteis para o contexto de missão como o frequente trânsito entre os povoados, a insistência na confissão, a pregação dos bons costumes as gentes, bem como a instrução do rebanho espiritual nos conteúdos doutrinários da Igreja Católica. Esse ideal de missionário compõe a imagem de “bons religiosos” abnegados ao mundo e atinentes aos exercícios da religião com que Roma pretendia reformar os seus membros, apresentar os prodígios de sua Igreja para a cristandade ocidental e reafirmar a superioridade moral dos clérigos celibatários frente aos seculares que vinha sendo paulatinamente questionada na Europa coetânea (VAINFAS, 1997, 110-115; PROSPERI, 2013, p. 582; FREITAS, 2016, 35-41).

Não podemos deixar de lado os aspectos retóricos da descrição de doenças e de doentes. Conforme defendemos nas primeiras páginas desse artigo, as cartas em questão tinham um forte teor apologético à obra dos primeiros jesuítas. As notícias de terríveis achaques manifestando-se concomitantemente ao acrisolamento espiritual de insignes varões e índios denota a bem-sucedida obra naquelas partes da América. A doença, portanto, já era na época de José de Anchieta uma maneira de pregar não somente com as palavras, mas inclusive com os próprios atos. Provavelmente, esses escritos tentaram convencer os missionários que a doença não representava um momento de pausa no desenvolvimento das virtudes (PEREIRA, 2021, p. 87-99). Esses acontecimentos na vida eram oportunos para viver uma convalescência mais santa e, igualmente, uma assistência aos doentes mais condizente com os valores morais do cristianismo.

TRATAMENTOS E REMÉDIOS OFERECIDOS PELA ASSISTÊNCIA INACIANA

No que concerne a assistência aos doentes, o tom da correspondência anchietana é bastante revelador do quadro de oficiais da Companhia de Jesus no primeiro decênio de missão em São Vicente e Piratininga. Sabemos que posteriormente os jesuítas conseguiram alocar irmãos especificamente para as enfermarias dos colégios, casas e fazendas, mas isso não estava disponível para Manuel da Nobrega e Luiz da Grã administrar (LEITE, 1953, p. 84). Como afirmamos anteriormente, a falta de religiosos especializados levou ocasionalmente outros a cumprir essa função como o próprio Anchieta e Gregório Serrão, mas jamais a atividade de cirurgião e enfermeiro tornou-se regular para ambos (LEITE, 1953, p. 83). Nessa circunstância de improviso da primeira década vicentina reside nossa questão, a saber: quais tratamentos e remédios estavam disponíveis para os doentes e, se houver algum, como os irmãos jesuítas justificavam o recurso a eles?

Os jesuítas preferiam tratar as doenças com purga e sangria, terapêuticas igualmente apreciadas pelos médicos do período (RIBEIRO, 1971). A sangria foi

uma verdadeira panaceia dos primeiros tempos. José de Anchieta encontrou justificativas para o uso recorrente da sangria, por exemplo, na condição astrológica existentes no céu vicentino. Em uma carta datada de 1562 e remetida ao padre Diogo Laynez (1512-1565), Superior Geral da Companhia de Jesus à época, José de Anchieta dizia que o Sol assumia a rota Norte no mês de dezembro e isso piorava a saúde dos portugueses e dos nativos na vila de São Vicente. Por causa desse estado de coisas “as sangrias são aqui mui necessárias” para evitar que mais pessoas adoçam e morram por causa dessa disposição celeste (ANCHIETA, 1933, p. 179; CORBIN, 2012, p. 445).⁵ No surto de varíola que varreu a América Portuguesa entre os anos de 1563-1564, os indígenas, principais vítimas dessa enfermidade, desconfiavam das sangrias e viam nela a principal causa pela alta mortalidade. Todavia, os irmãos da Companhia de Jesus persistiram sangrando os índios doentes, pois, para curar a varíola “esta é a melhor medicina que achamos”, conforme disse Anchieta em 1565 (ANCHIETA, 1933, p. 239).

Para os contemporâneos de José de Anchieta, a sangria seria o tratamento de ponta para enfrentar uma série de doenças. Porém, a despeito da importância dela para os leigos, talvez outras razões expliquem por que aquele irmão da Companhia de Jesus justificou a flebotomia como “necessária” e “a melhor medicina” para o Superior Geral. Acontece que até 1578 discutia-se se os jesuítas poderiam administrar sangrias nos doentes, principalmente por aqueles irmãos orientados ao sacerdócio, pois, um dos impeditivos para o ordenamento era o assassinato, mesmo involuntário resultado de uma terapêutica malsucedida (LEITE, 2004, p. 271).

Na primeira metade da década de 1560, quando José de Anchieta escreveu para o padre Diogo Laynez, não havia solução para a polêmica da sangria, levando José de Anchieta a defender seu exercício pregresso — por exemplo, a partir de 1554 confessou ter “sangrando a muitos daqueles índios” de Piratininga (ANCHIETA, 1933, p. 63) — e a obra que naquela época outros irmãos voluntariavam-se em benefício dos doentes e em nome da caridade para com os semelhantes. Enfim,

⁵ Talvez, José de Anchieta julgasse que o calor provocado pela posição solar estimulasse a produção de sangue ou o “secasse”, implicando em sem-número de doenças. Essa era a concepção que se tinha na época sobre a interferência do referido astro nos humores do homem. Cf. PORTER; VIGARELLO, 2012, p. 445.

comparando-a com a purga relatada na mesma época, não havia a preocupação em justificar esta prática diante dos prelados já que utilizá-la não incompatibilizava ninguém a tomar as ordens sacras (vale lembrar que Anchieta viria sagrara-se sacerdote apenas em 1566) (VASCONCELOS, 1672, p. 110).

A purga figurou no receituário inaciano de São Vicente e importou o suficiente para José de Anchieta indicar brevemente algumas arvores, ervas, folhas e raízes que facilitavam o vômito e a evacuação dos pacientes na carta *Ao Padre Geral, de São Vicente, ao Último de Maio de 1560*. Quanto as plantas que curam: “darei, porém, algumas coisas”, assume Anchieta, “máxime das que são proveitosas como purgantes” (ANCHIETA, 1933, p. 127). As informações repassadas a respeito ao Superior Geral deram conta da cor, da forma geométrica, dos efeitos, do preparo, da quantidade ingerida e do horário de consumo das plantas boas para purgar. Só não informa o nome da maioria delas, exceto para as folhas de uma planta “chamada vulgarmente marareçô” (ANCHIETA, 1933, p. 127). Anchieta integrou o conhecimento da flora de São Vicente ao circuito global de troca de informações da Companhia de Jesus que então estava em formação graças as correspondências de missionários destacados em diversos pontos da América, Ásia e África (GESTEIRA, 2010, p. 79).

Embora não houvesse jesuítas com formação médica na América Portuguesa, parece evidente que o conhecimento médico fora aplicado nas práticas curativas dos inacianos de São Vicente (LEITE, 1953, p. 84; O’MALLEY, 2004, p. 269). A opção por sangrias e purgas, por exemplo, remete a teoria dos quatro humores predominante no saber médico do período, isto é, sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Para esses homens a doença resultava do desequilíbrio de um ou mais humores. Após o diagnóstico, o paciente deveria seguir uma dietética para restabelecer o equilíbrio ou, em casos urgentes como febres, onde não havia tempo, se livrava do excesso de humores através de fluidos corporais como o sangue e as fezes (CORBIN, 2012, p. 445).

Além das sangrias e purgas, José de Anchieta relatou, em duas ocasiões, operar cirurgias para curar os doentes, ambas descritas na carta *Ao Geral Diogo Laynez, de São Vicente, janeiro de 1565*. A primeira deu-se no contexto de confronto dos portugueses de Piratininga contra índios de Cabo Frio e Vale do Paraíba em

1564, quando estes ordenaram a execução dos jesuítas. Um dos índios envolvidos contraiu uma doença misteriosa na mão e no braço, sendo que quem o tratou foi José de Anchieta. O jesuíta contou como se deu o procedimento na mão “a qual eu lhe abri em duas partes com uma lanceta, e a uma foi quase em meio da palma, em que podia bem fechar os olhos às mãos de Cristo Nosso Senhor” (ANCHIETA, 1933, p. 227-228). Após a incisão na mão, sobreveio uma “inflamação” no braço, mas o índio conseguiu sobreviver aos dois problemas graças ao acompanhamento da doença por Anchieta.

As demais cirurgias ocorreram na epidemia de varíola de 1563-1564, período que José de Anchieta precisou atender os índios que tinham a pele completamente corrupta pelo rompimento das pústulas. Como vimos anteriormente, durante os sintomas mais intensos da varíola, a pele ficava exposta para os mosquitos botar larvas, os “gusanos” como diziam naquele tempo, corroendo vivos os enfermos (ANCHIETA, 1933, p. 228; CABRAL, 1931, p. 406). Essa emergência exigiu que José de Anchieta “esfolasse” os membros sujeitos às larvas cortando as pústulas com a ajuda de uma tesoura. Tudo indica que, no corpo, às partes mais vulneráveis eram pernas e pés, precisando que os irmãos as operassem até ficar “em carne viva”. Embora o tratamento fosse doloroso para os doentes e custoso para os jesuítas, a sobrevivência das crianças assim assistidas validou o referido procedimento em outras circunstâncias com enfermos de varíola (ANCHIETA, 1933, p. 239).

As feridas, as doenças de pele e as cirurgias demandavam o cuidado adicional de remédios para a aplicação tópica em forma de curativos. Para cobrir essas partes, José de Anchieta recomendava sobretudo a aplicação de mel porque as feridas “saram facilmente” (ANCHIETA, 1933, p. 123). Quando não dispunham desse produto, aparentemente abundante nas matas vicentinas, curava-se o mesmo machucado com azeite e bandagens de pano comum, geralmente reutilizando pedaços de roupas velhas dos religiosos da Companhia de Jesus (ANCHIETA, 1933, p. 228). Dependendo do tipo de ferida, aplicavam a resina de certa árvore ou suco de bálsamo. Ambos tinham efeito comprovado pela experiência e, segundo José de Anchieta, depois de contínua aplicação “nem mesmo sinal fica das cicatrizes” (ANCHIETA, 1933, p. 126).

A operação das vítimas de varíola também pedia curativos. Neste caso, o banho dos membros com água quente uma vez por dia, por exemplo, bastou para evitar gangrena (ANCHIETA, 1933, 239). Diferente da capitania de São Vicente, na Bahia não houve relatos de extrair as pústulas com tesouras, mas os jesuítas usavam os mesmos banhos quentes para retirar as secreções e as larvas de cima dos enfermos, como narrou Antônio Blasquez ao padre Provincial de Portugal em carta de 1564 (CABRAL, 1931, p. 406). Essa diferença de tratamento entre os religiosos da Bahia e de Piratininga não exprime, ao nosso ver, a falta de caridade dos primeiros. O número maior de enfermos na Bahia talvez tenha impedido os inacianos de se dedicarem muito tempo apenas a um enfermo.

Considerando o testemunho de José de Anchieta a respeito da assistência aos enfermos, nos parece claro que o serviço com os doentes era ocasional e movido pelos valores morais cristãos. Anchieta envolveu-se no trato físico do seu “rebanho” e deixou escapar detalhes curiosos sobre as terapêuticas empregadas, indicou os procedimentos mais utilizados em cada situação e os remédios disponíveis para cada caso. Entendemos que o paradigma missionário da caridade física dispensada aos doentes permaneceu nos séculos seguintes (PEREIRA, 2021, p. 136). Contudo, o caso específico de Anchieta talvez denote novidade em matéria de missionar no Novo Mundo justamente porque esse jesuíta foi um dos primeiros a adaptar a propagação da palavra a precariedade dos sertões da Colônia.

A OBRA DE SAÚDE E A CONVERSÃO

Como afirmamos anteriormente, o histórico dos jesuítas com obras de saúde remonta a fundação da Ordem, porém, essa obra precisou se adaptar as condições locais. Observamos que na capitania de São Vicente, como na maioria da América Portuguesa, o elemento indígena não cristão ocupou lugar especial dentro dos planos da Ordem para expansão do catolicismo. Tendo isto em mente, nesse tópico visaremos estudar a relação intrínseca entre a assistência aos doentes e a conversão presente nas cartas de José de Anchieta. No tópico anterior estudamos as práticas terapêuticas dos jesuítas e, aqui, tentaremos entender como as mesmas facilitaram

o processo de catequese e conversão ao catolicismo. No que tange a cristianização, é preciso notar que para ser cristão era preciso adotar condutas cristãs, logo intentamos mapear quais são as recomendações dos irmãos jesuítas para os enfermos tornarem-se cristãos.

O exercício das artes de cura por parte dos jesuítas em São Vicente facilitou a conversão dos índios. José de Anchieta, na sua tarefa de notificar Roma sobre os frutos daquela pastoral, apresentou na *Trimestral de maio a agosto de 1556, de Piratininga* a principal vantagem de socorrer os índios. Segundo o inaciano, os índios:

Ao verem o nosso esforço e o nosso cuidado, não podem deixar de admirar e reconhecer o nosso amor para com eles, principalmente, porque vêm que empregamos toda a diligência no tratamento de suas enfermidades, sem nenhuma esperança de lucro. E fazemos isto, na intenção de preparar para o recebimento do batismo (ANCHIETA, 1933, p. 88).

Os jesuítas aproveitavam o trabalho com os doentes para propagar a mensagem católica para os índios que consistia em receber o sacramento do batismo. Do nascimento ao falecimento dos autóctones, os irmãos persuadiam-nos de aceitar o sacramento, tendo em vista converte-los, porquanto salvá-los do inferno. Na mesma *Trimestral* de 1556, José de Anchieta apresenta essa razão para o desejo dos jesuítas de “assistir às parturientes, afim de batizar mãe e filho, se caso exigir. Assim acontece estender-se a salvação do corpo e da alma” (ANCHIETA, 1933, p. 88). Na carta *Ao Geral* de 1563, por sua vez, não abordava o nascimento, mas a morte de “alguns escravos dos portugueses” de Piratininga que “enfermaram de graves febres”, e sem esperanças de salvar a vida deles através de qualquer meio, os inacianos “batizaram e ajudaram a bem morrer” os escravos pagãos (ANCHIETA, 1933, p. 186).

Na epidemia de varíola entre 1563-1564 os batismos “nunca cessam de noite e de dia” (ANCHIETA, 1933, p. 238) conforme admitiu entusiasmado José de Anchieta. Nesta mesma ocasião, em outras capitânicas os inacianos notificavam batizados coletivos, tal qual no Espírito Santo, Ilhéus e Bahia, pratica necessárias em

virtude da situação calamitosa vivenciada nestas paragens (CABRAL, 1931). Embora José de Anchieta tenha dito que os batizados “nunca cessam”, não mencionou a prática de batizados coletivos nas terras vicentinas (PROSPERI, 2013, p. 586).⁶

Do mesmo modo, o batizado transparece em casos particulares cujo socorro dos jesuítas salvou a vida do enfermo. Mas a cura do corpo não correspondia na cura da alma, às vezes os indígenas resistiam ao batismo mesmo depois de passar por um tratamento bem-sucedido. Enquanto cuidava de um índio gravemente doente em 1565 — que o operou conforme os saberes adquiridos pela experiência em assistir enfermos com condição semelhante —, José de Anchieta “incitando-lhe a que quisesse o batismo [...], mas deu-lhe Nosso Senhor saúde ao corpo, porque para a da alma sentia-lhe eu mui pouco desejo e vontade” (ANCHIETA, 1933, p. 228).

As confissões também aparecem associados a enfermidade dos índios, porém, como esse sacramento exigia adesão prévia ao catolicismo, não abordaremos aqui esse problema. Os jesuítas também recomendaram a prática de orações para os enfermos, contudo, orar nestas ocasiões teve pouca repercussão nas cartas, sendo mais um aspecto da fé dos índios cuidados pelos jesuítas, tema amplamente abordado em tópico deste artigo referente as doenças e os doentes.

O processo de cura dos doentes favorecesse o batizado, mas não apenas isso, José de Anchieta reconhecia que cuidar dos doentes também aproximava os jesuítas dos índios. Na carta que Anchieta escreveu o Geral da Companhia de Jesus, Diogo Laynez, reconheceu que:

⁶ O objetivo de batizar os nativos é evidente nas cartas de José de Anchieta. Considerando a origem espanhola deste missionário, Tenerife nas Ilhas Canárias, concordamos com o que disse Adriano Proserpi a respeito da característica dos missionários ibéricos, isto é, de o “modelo que eles tinham em mente não era tanto o da cristianização medieval da Europa, quanto o modelo recente propiciado pela “reconquista” da península ibérica: a conquista militar, a pregação, o batismo dos não cristãos”. Em outro trecho o estudioso italiano afirma: “em relação ao decepcionante caso dos mouriscos ou dos judeus espanhóis, a novidade exultante da América foi a do encontro com populações que se deixavam batizar sem dificuldades”.

Os índios me tinham muito crédito, máxime porque eu lhes ocorria a suas enfermidades, e como algum enfermava logo me chamavam, aos quais eu curava a uns com levantar a espinhela, a outros com sangrias e outras curas, segundo requeria sua doença, e com o fervor de Cristo Nosso Senhor achava-se bem (ANCHIETA, 1933, p. 227).

E, na mesma missiva, o jesuíta acrescentou que: “os quais me desejavam lá [aldeias ao redor de Piratininga] muito, porque me têm por bom cirurgião” (ANCHIETA, 1933, p. 238-239). Em outras palavras, Jose de Anchieta informava o padre Geral da importância de assistir os doentes de fora do colégio. Os irmãos deveriam incluir na rotina às obras de saúde para com os índios de aldeia, já que a proximidade com os doentes infieis facilitava a conversão e, portanto, era bom para os objetivos da Igreja de estender o catolicismo para as terras americanas (SILVA, 2003, p. 58).

O contexto sanitário da missão de José de Anchieta em São Vicente e Piratininga pode ser reduzido às máximas expostas no presente tópico. A assistência à saúde dos índios era uma maneira de aproximar os missionários dos índios. Assistir ocasionalmente denotava não somente a aspereza da sociedade vicentina, mas, igualmente, uma estratégia poderosa de evangelização das gentes. Anchieta estendeu o “pasto espiritual” para o leito de enfermos, convalescentes e moribundos, isto é, recomendou o batismo para os pagãos e prescrevendo orações e devoções para os cristianizados. Em outras palavras, o inaciano não restringiu sua ação aos remédios, as plantas, as sangrias e as purgas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da correspondência de José de Anchieta podemos observar o ministério jesuítico de assistir doentes na prática do dia a dia missionário em São Vicente e Piratinga entre os anos 1554-1565. Após situar a capitania no conjunto dos planos da Companhia de Jesus para a América Portuguesa, o que implicou admitir características próprias da corporação e aquelas compartilhadas pela cristandade

ocidental, buscamos através de três itens entender problemas específicos atinentes a saúde. Ao longo dos temas selecionados identificamos as práticas tidas boas para cada ocasião.

A respeito das doenças em São Vicente e Piratininga, os irmãos jesuítas empregados na assistência nem sempre possuía uma formação orientada para as obras de saúde, assim o aprendizado proveio de lidar com doenças no dia a dia da missão. Quando os jesuítas adoeciam não abriram mão do trabalho missionário porque representaram, na recém-descoberta América, a ponta da obra de conversão dos povos e expansão das fronteiras do credo católico para novas terras.

Quanto as terapêuticas usadas não podemos negar o fundo religioso. Os irmãos jesuítas optaram por tratar os doentes com sangria, mas havia problemas de consciência e canônicos em torno dela, caso o enfermo viesse a falecer em decorrência do tratamento. Porém, esse problema moral não era consenso e José de Anchieta defendeu a prática porque ela era necessária para salvar a vida de muitos índios desamparados de qualquer medicina. Esses serviços, que incluía obviamente outros tratamentos, ajudou os jesuítas a cumprir um dos principais objetivos da Companhia de Jesus, isto é, converter os pagãos através do sacramento do batismo.

BIBLIOGRAFIA

Documentos

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta 1554-1594**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1933.

CABRAL, Valle (org.). **Cartas Avulsas 1550-1568**. Rio de Janeiro: Oficina industrial gráfica, 1931

Estudos

AGNOLIN, Adone. Atuação missionária jesuítica na América portuguesa: a peculiar via renascentista, sacramental e tridentina à salvação no (s) Novo (s) Mundo (s). **Tempo**, v. 18, n. 32, p. 19-48, 2012.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**. Introdução e notas por André Mansuy Diniz Silva – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios jesuíticos**: o cotidiano da administração dos bens divinos. São Paulo: EDUSP, 2004.

BASTOS, MJ da M. Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como elemento do proselitismo cristão. (Portugal, séculos XIV–XVI). **Tempo, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 3, p. 183-205, 1997.

BOXER, Charles R. **A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)**. Editora Companhia das Letras, 2007.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril**. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil, 1580-1620. Bauru: Edusc, 2006.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: 1. Da renascença as Luzes. Petrópolis-RJ. Vozes, 2012.

DELUMEAU, Jean. **O Pecado e o Medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Edusc, 2003, v.1.

FREITAS, Camila Corrêa. **Divulgar a biografia de um santo**: os usos e as apropriações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVII). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

GESTEIRA, Heloisa Meireles; TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. As fazendas jesuítas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de idéias no império português (séculos XVI ao XVII). **Clio-Revista de Pesquisa Histórica** (ISSN 0102-9487), n. 27.2, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **História geral da civilização brasileira**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, t. 1, vol. 1, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **História geral da civilização brasileira**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, t. 1, vol. 2, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia**: 1550-1800. Editora Brasiliense, 1984.

LEITE, Serafim. **História da companhia de Jesus no Brasil**. Loyola, t. 1, vol.1, 2004.

LEITE, Serafim. **História da companhia de Jesus no Brasil**. Loyola, t. 2, vol.1, 2004.

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760**. Sebo Vermelho, 1953.

LIMA, Elda Cassia de. **A Correspondência Jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

LIMA, Luís Filipe Silvério. **Sonho e pecado: visões oníricas e oniromancia dos "índios" e "gentios" na catequese jesuítica na América Portuguesa (1549-1618)**. **Revista de História**, n. 149, p. 139-179, 2003.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Loyola, 2004.

MOTA, Jaqueline Ferreira da. **A confissão tupi: a problemática dos confessionários jesuítico-tupi nos séculos XVI-XVIII nas missões do Grão-Pará e Maranhão e do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.

O'MALLEY, John W. **Os Primeiros Jesuítas**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004.

PEREIRA, Edson Tadeu. **Saúde e espiritualidade no Brasil (Séculos XVII E XVIII)**. -- Franca, UNESP, Dissertação (mestrado), 2021.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Copo, Saúde e Doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: 1. Da renascença as Luzes**. Petrópolis-RJ. Vozes, 2012, p. 445.

PROSPERI, Adriano. **Tribunais da Consciência**. Inquisidores, Confessores, Missionários. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Lourival. **Medicina no Brasil colonial**. Editorial Sul Americana, 1971.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org). **História de São Paulo colonial**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SILVA, Paulo José Carvalho da. **Medicina do corpo e da alma: os males corporais e o exercício da palavra em escritos da antiga Companhia de Jesus**. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 5, p. 55-68, 2003.

SCHATZMAYR, Hermann. A varíola uma antiga inimiga. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(6), nov./dez.,2001.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VASCONCELOS, Simão de. **Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus, Taumaturgo do Novo Mundo, na Província do Brasil**, Lisboa: Oficina de João da Costa, 1672, p. 112.

VIEIRA, Celso. **Anchieta**. 3ª ed., São Paulo: Companhia Editorial Nacional, brasileira, vol. 262, 1949.

VIOTTI, Pe. Hélio Abranches Introdução. In: ANCHIETA, José de. **Cartas**: correspondência ativa e passiva. Edições Loyola. São Paulo, 1984, v.6.